

XENOFONTE, A *RETIRADA DOS DEZ MIL*, TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE AQUILINO RIBEIRO

PAULA BARATA DIAS

Chegou às livrarias em 2014, publicado pela editora Bertrand e pelos herdeiros, a há muito esgotada tradução portuguesa, por Aquilino Ribeiro Ribeiro, da *Anábase* de Xenofonte.

A edição apresenta uma introdução de Mário de Carvalho “Os Gregos. A Guerra. O Mestre”, e o Prólogo original do tradutor, Aquilino Ribeiro, composto em 1938, no qual dá conta das circunstâncias em que tomou contacto com Xenofonte.

219

Aquilino Ribeiro foi um dos mais fecundos romancistas portugueses da primeira metade do séc. XX. Nascido em Sernancelhe, em 1885 e falecido em Lisboa, em 1963, teve uma biografia agitada devido ao seu envolvimento no fim da Monarquia e na implantação da República. A intervenção política também lhe granjearia dissabores no Estado Novo. Nos anos finais da sua vida reuniu largo consenso entre as letras nacionais, tendo mesmo sido proposto para o Prémio Nobel, em 1960. Autor popular e prolífico pela riqueza de linguagem, pelo retratar do mundo regional da sua Beira Natal, pelo modo único de descrever e de encenar o movimento das personagens e da ação, com peripécias e reviravoltas, não imune à crítica social e política, é conhecido do público português por obras como *O Romance da Raposa*; *O Malhadinhas*; *Terras do Demo*; *Quando os Lobos Uivam*.

No prólogo da sua *A Retirada dos dez mil*, Aquilino Ribeiro explica, com a graça que só a sua particular riqueza efabulatória consegue, o modo

como a *Anábase* de Xenofonte lhe foi parar às mãos: a frequentar um curso de Letras na Sorbonne, no ano anterior à deflagração da 1ª Guerra Mundial, o seu professor, Tournier de nome, desafia-o com uma anti-quíssima edição bilingue (em Grego e em Latim) da obra de Xenofonte, a título de o iniciar no conhecimento do Grego. “Gramática a um lado, texto Latino de Loewenklau do outro”, Aquilino atira-se de cabeça (estas são as suas palavras!). A Guerra interrompeu os seus estudos, regressando a Portugal em 1915. Em 1938, na eminência já do segundo conflito mundial, Aquilino, remexendo no espólio que trouxera de Paris, resolve dar vida aos cadernos da juventude que continham os seus estudos de Xenofonte.

O estilo e a expressividade da escrita aquiliniana emprestam ao texto de Xenofonte uma vivacidade única. Onde acaba a literalidade do texto de Xenofonte e começa a expressividade literária de Aquilino Ribeiro; o que de Xenofonte devolve, engrandece, ou eventualmente condiciona Aquilino? A resposta reclama um estudo atento.

Aquilino Ribeiro é vago na metodologia de tradução seguida, embora reconheça o suporte da tradução latina. Será este um daqueles casos em que o gênio literário de um autor maior, como foi Aquilino, se associa e empresta a sua expressividade a uma tradução de uma língua estrangeira para Português. Esta é, talvez portanto, a “Tradução de Aquilino Ribeiro da *Anábase* de Xenofonte” e menos “A *Anábase* de Xenofonte traduzida por Aquilino Ribeiro”. Qualquer que sejam as respostas a estas questões, não deixa de ser assinalável o regresso às livrarias de uma obra que celebra o encontro entre dois escritores maiores da nossa cultura, os dois com notáveis pontos de contacto entre si.